

Uma análise funcionalista das construções hipotáticas iniciadas por *visto que*, *dado que* e *posto que*

An functionalist analysis of hypotactic constructions introduced by visto que, dado que and posto que

Juliana Barboza do Nascimento¹

Maria Maura Cezario²

Dennis Castanheira³

RESUMO

O artigo trata de uma análise dos usos das orações hipotáticas introduzidas por *visto que*, *dado que* e *posto que* em textos contemporâneos escritos em português brasileiro (PB). O modelo construcional que instancia tais cláusulas adverbiais se codifica como [CONNECT (S) V (C)] CLÁUSULA ADVERBIAL. O trabalho baseia-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que considera, em suas análises, os pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo Norte-americano, da Gramática de Construções e da Sociolinguística Variacionista. A partir do princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), considera-se, nesta pesquisa, que tais construções, embora se insiram em contextos muito semelhantes e tenham formas similares, apresentam especificidades semântico-pragmáticas que as diferenciam. Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo de mapear seus usos por meio de três fatores linguísticos: arranjo linear, estrutura informacional e valor semântico das construções. A pesquisa foi baseada na coleta e na análise de 450 dados dessas construções oracionais adverbiais, sendo 150 iniciadas por *visto que*, 150 por *dado que* e 150 por *posto que*, todas sendo extraídas da aba Web-Dialetos do *Corpus* do Português. Os principais resultados demonstram que tanto as orações iniciadas por *dado que* quanto por *posto que* apresentam mais de um valor semântico-pragmático, o que não ocorre com aquelas introduzidas por *visto que*. Além disso, as construções introduzidas por *dado que* possuem um maior número de ocorrências na posição anteposta, assim como apresentam mais ocorrências de orações com informações pragmaticamente pressupostas.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Orações hipotáticas. Conectivos.

ABSTRACT

The article deals with an analysis of the uses of hypotactic clauses introduced by *visto que*, *dado que* and *posto que* in contemporary texts written in Brazilian Portuguese (BP). The constructional pattern that instantiates such adverbial clauses is encoded as [CONNECT (S) V (C)] ADVERBIAL CLAUSE. The research is based on Usage-based Functional Linguistics (UBFL), which considers, in its analyses, the theoretical-methodological assumptions of North American Functionalism, Construction Grammar and Variationist Sociolinguistics. Based on the principle of non-synonymy (GOLDBERG, 1995), we consider that such constructions, although they are inserted in very similar contexts and have similar forms, present semantic-pragmatic specificities that differentiate them from each other. Therefore, this research aims to map their uses through three linguistic factors: linear arrangement, structure of information and semantic value of constructions. This work was based on the collection and analysis of 450 data from those adverbial clause constructions, 150 of which started with *visto que*, 150 with *dado que* and 150 with *posto que*, all extracted from the tab Web-Dialects of the webpage *Corpus do Português*. The main results show that clauses introduced by *dado que* and *posto que* have more than one semantic-pragmatic value, which is not

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Letras (Português e Italiano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5826-5237>. E-mail: julianabnascimento@letras.ufrj.br.

² Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do CNPq. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>. E-mail: mmcezario@letras.ufrj.br

³ Docente da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Niterói/RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>. E-mail: denniscastanheira@gmail.com.



the case with those introduced by *visto que*. In addition, the constructions introduced by *dado que* present more occurrences in the preceding position (before the main clause), as well as more occurrences of clauses with pragmatically presupposed information.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics. Hypotactic clauses. Connectives.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar os usos das orações hipotáticas⁴ introduzidas pelos conectivos *visto que*, *dado que* e *posto que* no Português Brasileiro (PB), buscando mapear semelhanças e diferenças, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010; CEZARIO; FURTADO, 2013; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2015). Essa abordagem congrega os pressupostos do Funcionalismo Norte-americano, da Gramática de Construções e da Sociolinguística Variacionista, com interesse no estudo da língua e base nas funções que esta desempenha nas diversas atividades discursivas do cotidiano social.

Vários estudos têm mostrado a necessidade da verificação dos fatores motivadores do uso de construções linguísticas com valores semânticos semelhantes. No caso de orações hipotáticas do português, destacam-se os trabalhos de Ferrari e Ribeiro (2022), Paiva e Braga (2016), Cezario, Santos Silva e Santos (2015), Rosário e Pinto (2018). Tais pesquisas concluem que, mesmo que duas construções sejam semanticamente semelhantes, elas têm diferenças pragmáticas quando são estudadas em uso real.

Tratando-se de um estudo construcionista, é relevante mencionar alguns princípios fundamentais (cf. BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006; HILPERT, 2014; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). São eles: (I) a língua é um sistema de pareamentos forma-sentido convencionalizados e relacionados entre si, abarcando de itens lexicais a construções sintagmáticas; (II) as estruturas das línguas emergem a partir do uso linguístico; (III) a língua é uma grande rede de nós e ligações entre nós; (IV) o conhecimento da língua é um inventário de construções; (V) os processos cognitivos de domínio geral regem a cognição humana, sendo responsáveis pela linguagem e por outras áreas da cognição.

De acordo com Cezario, Santos Silva e Santos (2015), as construções em estudo estão inseridas em um esquema abstrato, codificado como $[[X] \text{ que}] S V C] \text{ Or. Hipotática}$. Nesse esquema, a construção hipotática é formada por um *slot* X, que pode ser preenchido por unidades linguísticas como “visto”,

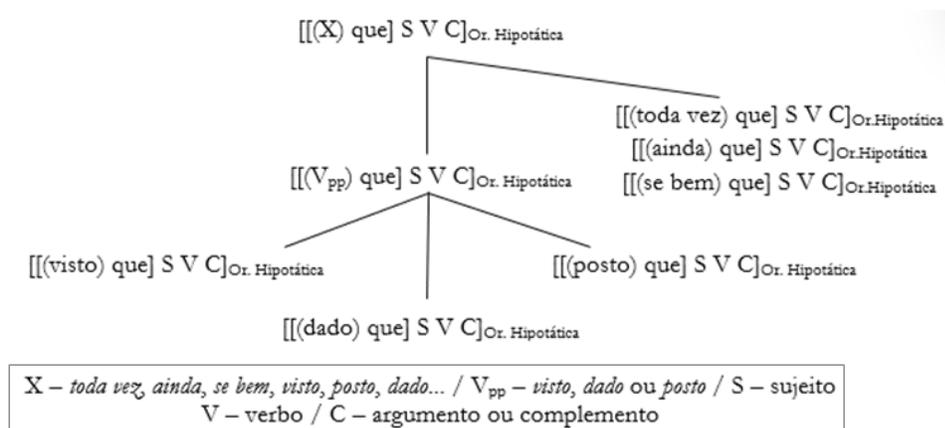
⁴ Segundo a linha Funcionalista Norte-Americana, os períodos com mais de uma oração podem ser compostos por orações justapostas, coordenadas, hipotáticas e subordinadas (Hopper & Thompson, 1980). As orações hipotáticas são as tradicionais orações adverbiais e as adjetivas explicativas. As orações subordinadas reúnem as orações substantivas e as adjetivas restritivas, que são mais dependentes sintática e semanticamente às orações principais.



“toda vez” e “ainda”, realizando as microconstruções *visto que*, “toda vez que” e “ainda que”; o *slot* S se refere ao possível sujeito, o V ao verbo e o C ao possível argumento ou complemento.

Para além disso, defendemos que existe um subesquema para essas construções: $[[(\text{V}_{pp}) \text{ que}] \text{ S V C}]_{\text{Or. Hipotática}}$. Hipotática, em que o *slot* V_{pp} pode ser preenchido por um verbo na forma de particípio passado, como “visto”, “dado” e “posto”, dando origem às microconstruções *visto que*, *dado que* e *posto que*, que introduzem as orações estudadas nesta pesquisa, conforme Figura 1.

Figura 1: Rede esquemática das orações (X) que



Fonte: Elaboração dos autores

Ainda é importante destacar que nossa pesquisa se pauta no estudo de toda a construção; sendo assim, levamos em consideração cada elemento do esquema $[[(\text{V}_{pp}) \text{ que}] \text{ S V C}]$. Porém, também utilizaremos o termo “microconstrução” para nos referirmos individualmente às três microconstruções investigadas nesta pesquisa: $[[(\text{visto}) \text{ que}] \text{ S V C}]$, $[[(\text{dado}) \text{ que}] \text{ S V C}]$ e $[[(\text{posto}) \text{ que}] \text{ S V C}]$.

Metodologicamente, unimos as perspectivas tanto qualitativa e quantitativa, valendo-nos de fatores de ordem estrutural e semântico-pragmática. Os dados, retirados do site *Corpus* do Português⁵, são da modalidade escrita, oriundos do PB e produzidos entre os anos de 2013 e 2014. Para esta pesquisa, foram quantificados 150 dados para cada construção, totalizando uma amostra de 450 dados.

A seguir, apresentamos alguns exemplos que ilustram os usos dessas microconstruções:

- (1) “**Visto que as mulheres são apaixonadas por bijuterias** nada mais justo do que propor a elas uma compra mais simples através da internet.” (*Corpus* do Português)
- (2) Uma vez já escrevi que não sei o que é avaliar arte, **dado que é muito pessoal e subjetivo.** (*Corpus* do Português)
- (3) Gostaria de ter uma resposta firme à minha indagação, **posto que a legenda é dúbia.** (*Corpus* do Português)

⁵ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>.



É importante destacar que as construções em foco neste trabalho exprimem relações circunstanciais, mais especificamente de causa, condição e/ou concessão. Com base nos estudos de Neves (1999), é possível dizer que, semanticamente, esses três valores têm estreitas relações, uma vez que tanto as construções concessivas quanto as causais e condicionais expressam, de alguma forma, uma conexão causal, que pode ser negada, hipotetizada ou afirmada. Também apresentam uma conexão condicional, já que são explicáveis em dependência de satisfação de necessidade (ou de suficiência) de determinadas circunstâncias.

Além disso, nossa pesquisa foi guiada em torno do princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), que postula a não existência de formas diferentes que tenham significados iguais; portanto, se existem mudanças na forma, a intenção comunicativa é diferente. Nesse sentido, uma construção iniciada por *visto que* atingiria propósitos comunicativos específicos, não alcançados pelas construções iniciadas por *posto que* e *dado que*. E, mesmo que essas construções sejam semelhantes, tanto em sua forma quanto pragmaticamente, elas devem apresentar especificidades que as tornam únicas. No entanto, deve haver contextos em que as três construções podem aparecer sem que haja qualquer tipo de alteração semântico-pragmática, o que nos possibilita afirmar a existência de contextos em que as três construções estão em variação. O que nos importa é verificar as tendências de usos de cada uma. Para fazer a comparação dos significados decorrentes dos usos das três microconstruções, analisamos o valor semântico-pragmático dos dados, a posição das cláusulas hipotáticas em relação às matrizes e a sua relação com a estrutura informacional.

2 A LINGUÍSTICA (FUNCIONAL) CENTRADA NO USO E O DOMÍNIO DA CAUSALIDADE

Neste artigo, como dissemos, utilizaremos os pressupostos teóricos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso. Essa perspectiva associa questões basilares do Funcionalismo norte-americano, Gramática de Construções e da Sociolinguística Variacionista a partir de uma perspectiva baseada no uso, que analisa os fenômenos linguísticos por meio de critérios sociocognitivos e interacionais. Sob esse olhar, é preciso considerar a ligação da fonologia, da morfologia ou da sintaxe com as motivações pragmáticas e mentais, a partir de contextos comunicativos reais (cf. BYBEE, 2010, 2015; DIESSEL, 2019; CEZARIO, ALONSO e CASTANHEIRA, 2020).

De acordo com essa abordagem, existe uma conexão entre gramática e discurso, com interação e influência mútuas. A gramática é entendida como uma estrutura que muda e se adapta constantemente em função das transformações que ocorrem no discurso. Sendo assim, essa corrente linguística tem a



concepção da língua como um mecanismo para fins comunicativos, que, como tal, não pode ser analisado como um objeto independente, mas que funciona a partir de uma estrutura maleável. Portanto, de acordo com essa visão, não há distinção rígida entre o discurso e a gramática.

O conhecimento linguístico é visto como decorrente das habilidades cognitivas de cada indivíduo, como a capacidade de categorizar, compreender e usar metáforas e metonímias, além de aspectos relacionados ao processamento linguístico, ao papel da frequência de uso e à experiência humana e, portanto, às atividades culturais pessoais e sociais. Ademais, nessa abordagem, são integrados os pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), segundo a qual o conhecimento linguístico tem a forma de uma rede de unidades simbólicas, as construções linguísticas. Essas são concebidas como pareamentos de forma e função, conectados entre si por links verticais com construções mais abstratas; e por links horizontais com outras construções relacionadas pela forma e/ou funções.

Croft (2001) apresenta as propriedades das construções (cf. Figura 2): do lado da forma estão as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas ligadas por um elo simbólico com as propriedades da função ou do significado, que são as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-pragmáticas:

Figura 2: Modelo de estrutura simbólica de uma construção



Fonte: CROFT, 2001

Os funcionalistas de vertente norte-americana há décadas trabalham com o conceito de domínio semântico, como domínio da condição, da quantificação, da negação, etc. (GIVÓN, 1984; 1995; 2001; FURTADO DA CUNHA, 2000; MAAT; SANDERS, 2000). Em termos construcionais, pode haver um conjunto de construções (um paradigma) com uma dada função básica; essas construções estão ou não verticalmente ligadas na rede a uma construção mais abstrata. No caso que estudamos, as três microconstruções estão ligadas verticalmente a uma construção mais abstrata, a construção hipotática iniciada por [X que], como mostramos na Figura 1.

Essas microconstruções estão conectadas horizontalmente a partir de valor comum, como parte do domínio da causalidade. Assim, o domínio, ao nosso ver, está relacionado às propriedades semânticas



e pragmáticas das construções. Todas as construções pertencentes a um determinado nó na rede possuem links formais e semânticos entre si, e as construções que têm *links* com construções causais, por exemplo, configuram elementos do domínio da causa, que tem *links* com outros domínios, como o da concessão e da condição. A realidade do conhecimento linguístico, então, tem base nos *links*. (HILPERT, 2021). O domínio semântico nos permite verificar que cada um tem um feixe de construções conectadas e que há um modelo de rede aninhada em que os nós de um nível de análise são redes de um outro nível de análise (DIESSEL, 2019, p. 11).

Neves (1999) propõe que a relação causal diz respeito à conexão causa-consequência, ou causa-efeito, entre dois eventos. Enquanto a oração principal manifesta a consequência ou efeito, a oração hipotática (evidenciada em negrito) exprime a causa, como observado no Exemplo (4).

- (4) “O autor diz que esses novos gêneros não são criações inéditas, **visto que se construíram a partir de outros gêneros já existentes**”. (*Corpus* do Português)

No Exemplo (4), a consequência de os novos gêneros não serem uma criação inédita, expressa pela oração principal, é causada pelo fato expresso na oração hipotática. Sendo assim, o motivo pelo qual esses gêneros não serem inéditos se deve ao fato de que eles foram construídos a partir de outros já existentes.

Já as orações condicionais, segundo a autora, são tradicionalmente observadas pelas relações lógico-semânticas por elas marcadas. Uma construção condicional é estabelecida pela relação entre uma oração que exprime condição (oração hipotática) e uma que exprime o que é condicionado (oração principal). Essa relação entre elas se apoia, basicamente, numa hipótese, razão pela qual, nos estudos clássicos, é utilizada a expressão período hipotético para designar as construções condicionais.

É relevante destacar a relação existente entre causa, condição e concessão. De acordo com Neves (1999), tanto as construções concessivas quanto as causais e condicionais expressam, de alguma forma, uma conexão “causal” em sentido mais amplo, assim como apresentam uma conexão condicional, já que são explicáveis em dependência de satisfação de necessidade (ou de suficiência) de determinadas condições.

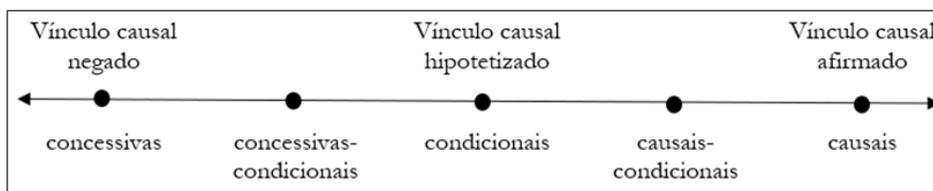
Podemos dizer que, semanticamente, as relações concessivas, causais e condicionais se organizam da seguinte forma: em um polo, caracterizado pela causalidade, há a relação de causa entre a hipotática e a matriz sendo afirmada; em um espaço intermediário, tido como das condicionais, há a relação de causa entre as duas orações sem ser afirmada ou negada; no outro polo, das concessivas, há o vínculo causal entre as orações.

Essas relações podem ser observadas na seguinte figura.





Figura 3: O *continuum* entre as orações concessivas, condicionais e causais



Fonte: Neves (1999)

A partir dessa perspectiva, os valores semânticos não seriam tão engessados quanto a tradição gramatical indica. Fatores internos à língua, assim como os contextos em que ela é utilizada, estão fortemente atrelados ao significado que as construções apresentam. Isso exemplifica como as línguas humanas são mutáveis e estão sujeitas à variação, além de caracterizar uma forma mais dinâmica de tratar as questões gramaticais, não enquadrando tais conectivos em classificações não flexíveis, mas demonstrando que, a depender de fatores estruturais e discursivos, o valor semântico de uma determinada construção linguística pode ser diferente.

Nosso estudo aborda três microconstruções: oração hipotática com *visto que*, *posto que* ou *dado que*, que se relacionam verticalmente com a construção mais abstrata. Essas podem ser usadas em muitos contextos semelhantes, configurando um caso de variação por similaridade (denominação dada por Machado Vieira, Santos e Kropf, 2019). Mas também há contextos em que há o predomínio de uma em detrimento de outra. E este foi o papel desta pesquisa: procurar verificar as semelhanças e as diferenças dos usos dessas microconstruções no PB atual escrito.

Nas próximas seções, apresentaremos os resultados da análise dos papéis semântico-pragmáticos dos dados, sua ordenação em relação às orações principais e a relação entre estrutura da informação e ordenação das orações. Foi utilizada uma metodologia quali-quantitativa para a coleta de dados e análise segundo um conjunto de fatores. Mais informações sobre a metodologia são dadas à medida em que apresentarmos os fatores de análise.

3 PAPÉIS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS E ORDENAÇÃO LINEAR

Como dissemos, analisamos 450 dados, 150 com cláusulas iniciadas por *dado que*, 150 com *posto que* e 150 com *visto que*. Verificamos o valor semântico-pragmático das cláusulas, levando em consideração o papel em relação à cláusula matriz e o contexto. Como apresentado anteriormente, existe uma relação entre orações causais, condicionais e concessivas. Levando em conta os estudos realizados por Neves (1999), já eram previstas orações não apenas com estes valores, tradicionalmente





estabelecidos, mas também orações híbridas, que apresentam mais de uma circunstância ao mesmo tempo, tais quais as orações causais-condicionais e as orações concessivas-condicionais.

Nesta pesquisa, foram encontrados dados que representam o primeiro caso, em que, ao mesmo tempo em que existe uma relação de causa e consequência entre a oração hipotática e sua principal, existe também uma relação de condição e aquilo que é condicionado, como pode ser observado no Exemplo (5).

- (5) **Dado que o vetor R tem módulo constante**, o único movimento possível de P relativo a C é uma rotação com velocidade angular w ao redor de um eixo instantâneo que passe por C, tal como vemos na figura. (*Corpus* do Português)

O Exemplo (5) apresenta um desses dados de valor híbrido, pois a oração hipotática indica a razão pela qual o único movimento possível seja aquele evidenciado pela oração principal, ao mesmo tempo que instancia uma relação de condição entre o valor do módulo e do movimento, entre o que condiciona e aquilo que é condicionado, já que, a partir do momento que o módulo é dito como constante, só existe uma possibilidade de movimento.

Por fim, o conceito básico de concessividade pode ser definido como “aquilo que é contrário à expectativa”, em que a oração hipotática concessiva expressa um fato (ou noção) que poderia se caracterizar como um impedimento, mas que, apesar dele, o evento presente na oração principal se mantém. Essa relação pode ser ilustrada no Exemplo (6):

- (6) “**Posto que a vida afetiva e a vida intelectual sejam demasiado heterogêneas para que uma se reduza à outra**, procedemos sempre sem levar em conta a diferença que separa os sentimentos da inteligência.” (*Corpus* do Português).

No Exemplo (6), a oração hipotática evidencia como a vida afetiva e a vida intelectual são muito heterogêneas, porém, divergindo do que se espera, essa diferença não é levada em consideração pelos interlocutores. Sendo assim, o Exemplo (6) demonstra a clara relação de concessão entre o fato expresso pela oração hipotática e aquele presente em sua matriz.

Verificamos, por meio da análise dos 150 dados de cada microconstrução, que existe um maior uso do valor causal, como já dissemos. As orações iniciadas por *visto que* apresentaram 100% de suas ocorrências com este valor, seguidas pelas orações com *dado que*, com 92% de suas ocorrências sendo causais e, por fim, aquelas introduzidas por *posto que*, com 91,3% de seus dados apresentaram uma relação de causalidade com suas orações principais.



É importante destacar que diferente das outras duas microconstruções, que apresentaram multifuncionalidade, já que apresentaram mais de um valor semântico, nas orações hipotáticas introduzidas por *visto que* foram encontradas apenas ocorrências causais. Também é passível de atenção (a) que o valor concessivo tenha sido encontrado apenas nas orações iniciadas por *posto que* (este valor semântico representando 4% de seus dados) e (b) que as orações causais-condicionais tenham sido encontradas com maior ocorrência com a microconstrução introduzida por *dado que* (cerca de 8% de seus dados).

Nesse sentido, é possível que haja alguma alguma relação entre valores semântico-pragmáticos e a posição das orações hipotáticas na oração. De forma geral, a ordenação de orações é associada à noção de informatividade. A literatura demonstra que orações hipotáticas que são posteriores às suas matrizes normalmente apresentam informações novas, enquanto as que antecedem contêm referência daquilo que já foi dito ou que já era de conhecimento do interlocutor. Essa relação será melhor explicitada na seção seguinte, mas, de acordo com a tradição, a posição à esquerda da sentença se caracteriza como a posição de informações velhas e a posição à direita como a de informações novas. (CHAFE, 1984; LAMBRECHT, 1994; ANTONIO, 2004)

Além das posições canonicamente esperadas, também foram encontradas ocorrências de orações intercaladas, que se caracterizam por se inserirem dentro de suas orações principais e aparecem normalmente isoladas por vírgula, travessão, parênteses ou colchetes. Pragmaticamente, essas orações tendem a emitir uma opinião, advertência do emissor, observação ou ressalva.

A seguir, apresentamos essas três possíveis colocações das orações hipotáticas (evidenciadas em negrito) em relação às suas orações principais (evidenciadas por meio do sublinhado):

(a) Anteposta:

(7) “Por que tomar cuidado? **Visto que nomes próprios não seguem regras ortográficas, é necessário tomar grande cuidado em usar**”. (*Corpus* do Português)

(b) Intercalada:

(8) “A metodologia correta (**dado que a União se financiou emitindo dívida mobiliária**) deveria considerar a diferença entre as taxas acumuladas desde o início do contrato (que varia conforme a unidade da federação)”. (*Corpus* do Português)

(c) Posposta:

(9) E o verdadeiro arrependimento envolve intelecto, sentimento e vontade. O arrependimento de Judas, por exemplo, foi incompleto, **posto que envolveu apenas a parte sentimental e possivelmente a intelectual**, não resultando em ação, como no caso de Pedro. (*Corpus* do Português)





Os exemplos (7), (8) e (9) mostram que as orações hipotáticas em estudo podem ocorrer em diferentes posições em relação à oração principal. Nossa hipótese é a de que essas diferentes colocações devem ter funções pragmáticas diferentes, que serão mais bem explicitadas nas próximas seções.

Com base nessas considerações, organizamos nossos resultados na seguinte tabela:

Tabela 1: Ordenação das orações hipotáticas

	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
VISTO QUE	10 (6,7%)	2 (1,3%)	138 (92%)	150 (100%)
DADO QUE	58 (38,7%)	6 (4%)	86 (57,3%)	150 (100%)
POSTO QUE	14 (9,3%)	-- --	136 (90,7%)	150 (100%)
TOTAL	82 (18,2%)	8 (1,8%)	360 (80%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados, o maior número de ocorrências, nas três microconstruções, realizou-se com a posição posposta com 92% das ocorrências das orações hipotáticas com *visto que* se apresentando após de suas orações principais, seguido pelas orações introduzidas por *posto que*, com 90,7% de suas ocorrências sendo pospostas às suas orações matrizes, e por aquelas orações iniciadas por *dado que*, com 57,3% de suas ocorrências apresentando a mesma posição.

Entretanto, é importante destacar a considerável porcentagem de orações antepostas com a microconstrução introduzida por *dado que* quando comparada às demais, já que cerca de 38,7% das 150 ocorrências com as orações iniciadas por esse conectivo apareceram antes de suas orações principais. Além disso, é destacável também que a posição intercalada não tenha sido observada nas orações hipotáticas iniciadas por *posto que*. Essa tendência também foi apontada por Nascimento e Castanheira (2020) e Nascimento (2022). Neves (1999) defende que as orações causais tendem à posposição, já que, normalmente, se enuncia primeiro o efeito, expressado pela oração principal, e, depois, a causa, expressada pela oração hipotática. Já no caso das condicionais, primeiro se enuncia a ocorrência de uma condição, evidenciada na oração hipotática, que pode ou não ser satisfeita, e depois a oração que depende da concretização dessa condição, expressa pela oração principal. Assim sendo, tais orações apresentam uma tendência à anteposição.

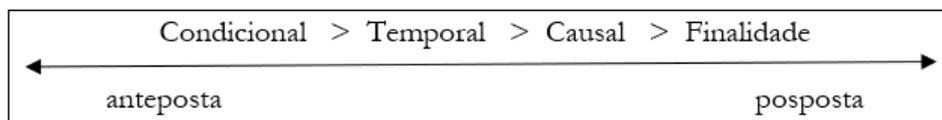
Por fim, em relação às orações concessivas, esta predileção depende do propósito comunicativo do interlocutor. Podem aparecer na posição posposta à oração principal quando funcionam como um adendo, e antepostas quando possuem a função de tópico, retomando informações que já foram previamente dadas. Na visão de Diessel (2013), desconsiderando os idiomas nos quais as orações





adverbiais geralmente precedem a oração principal, as tendências posicionais de orações condicionais, temporais, causais e intencionais podem ser descritas a seguir:

Figura 4: Relação entre valor semântico e ordenação

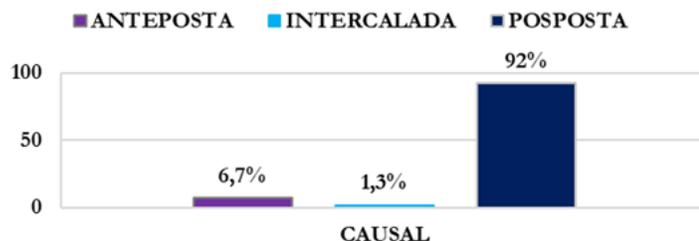


Fonte: Diessel (2013)

Sendo assim, em relação à ordenação, as orações condicionais tendem a preceder a oração principal e as orações causais são geralmente colocadas após sua oração principal. Porém, seu estudo não fornece informações sobre a ordenação das orações concessivas, também estudadas e futuramente apresentadas neste texto; desta forma, recorreremos aos estudos de Neves (1999), que postula a ordenação das concessivas como ambígua, visto que aparecem nas duas posições (anteposta e posposta), sem haver qualquer tipo de predileção definida.

A seguir, apresentamos o cruzamento dos fatores desta seção com as orações hipotáticas introduzidas por *visto que*:

Gráfico 1: Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por *visto que*

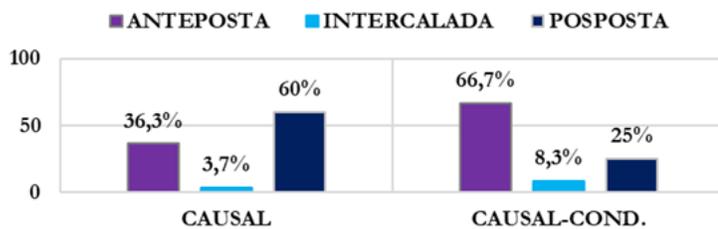


Fonte: elaboração própria

Como já era sabido, devido ao exposto, o único valor semântico das orações hipotáticas introduzidas por *visto que* foi causal. Da mesma forma, era esperado que as orações introduzidas por esse conectivo apresentassem uma preferência pela posposição, como mostrado na subseção de “Ordenação”. Com relação ao cruzamento desses dois fatores, das 150 ocorrências de orações hipotáticas causais introduzidas por *visto que*, 92% ocorreram na posição posposta. Isso corrobora nossa hipótese de que orações hipotáticas, que apresentam causa, tendem a aparecer depois de suas orações principais.

A seguir apresentamos este cruzamento com as orações hipotáticas iniciadas por *dado que*:

Gráfico 2: Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por *dado que*

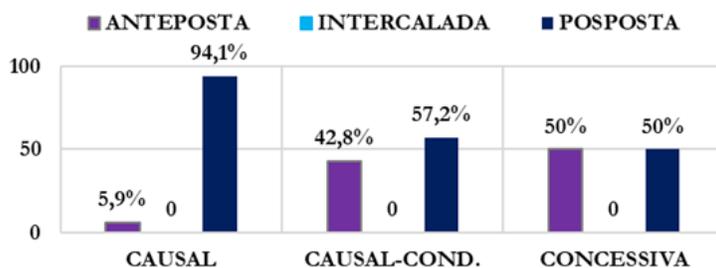


Fonte: elaboração própria

Com relação a estas orações, foi possível observar que com as orações causais houve uma tendência à posposição, com cerca de 60% das ocorrências causais ocorrendo nesta posição. Em relação às orações causais-condicionais, houve maior número de ocorrências na posição anteposta, totalizando 66,7% das ocorrências com este valor semântico. Esses resultados já eram esperados, uma vez que, de acordo com a literatura funcionalista, postulava-se que orações causais tenderiam a aparecer pospostas às suas orações matrizes. Isso porque, geralmente, enuncia-se primeiro o efeito, expresso pela principal, e, depois, a causa, contida na hipotática. Já as orações causais-condicionais tenderiam à anteposição, em que primeiro se enuncia a ocorrência de uma condição, evidenciada pela oração hipotática, que pode ou não ser satisfeita, e depois a oração que depende da concretização dessa condição, expressa pela oração principal.

Abaixo expomos o cruzamento desta seção com as orações hipotáticas introduzidas por *posto que*:

Gráfico 3: Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “posto que”



Fonte: elaboração própria

Pelos resultados expostos no Gráfico 3, tanto as orações causais quanto as causais-condicionais apresentaram uma tendência à posposição: as primeiras apresentaram 94,1% de suas ocorrências nesta posição, e as segundas cerca de 57,2% de seus dados. Porém, no caso das orações causais-condicionais, existe um número bem menor de orações pospostas quando comparado ao das causais. Sendo assim, é também passível de destaque que as orações causais-condicionais tenham uma tendência à anteposição, já que 42,8% de suas ocorrências apresentaram esta posição como a predileta. No que diz respeito às



orações concessivas, não houve preferência acerca da ordenação em relação às orações principais, já que 50% ocorreram na posição anteposta e os outros 50% na posição posposta.

Assim, vemos que, de modo geral, a posição das orações com *visto que*, *dado que* e *posto que*, em relação às suas orações principais, é motivada por diferenças nas nuances semânticas dos contextos em que são usadas. Na próxima seção, nosso foco é a relação entre Estrutura da informação, outro fator muito caro aos estudos funcionalistas, e a Ordenação Linear.

4 ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO E ORDENAÇÃO LINEAR

Outro postulado teórico também considerado foi a informatividade ou pressuposição (ANTONIO, 2004; GIVÓN, 1990; HALLIDAY, 1985; CHAFE, 1984; PRINCE, 1981), que diz respeito ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham ou supõem compartilhar no momento da interação verbal (CEZARIO; SILVA; SANTOS, 2015). Esse conceito se relaciona à estruturação do pensamento e, portanto, se encontra em paralelo ao nível do discurso, em que o pensamento é formalizado linguisticamente e efetivado contextualmente.

Com base em Prince (1981, 1992), os referentes podem ser classificados como: novos, velhos (dados ou evocados) e inferíveis. Uma entidade é classificada como nova se for introduzida no discurso pela primeira vez, enquanto o conceito de velho nos remete ao elemento situacionalmente acessível ou que já aparecera anteriormente no discurso, sendo, portanto, uma informação velha para o ouvinte/leitor, que é tida como pressuposta. Já um referente inferível trata-se de um que não fora mencionado no discurso, mas é identificado pelo interlocutor por meio de um processo de inferência a partir de outras informações dadas.

Em nossa pesquisa, entretanto, analisamos não apenas a informatividade dos referentes, mas de toda a oração hipotática. Dessa forma, apropriamo-nos de um viés binário em que classificamos as informações presentes nas orações hipotáticas como pressupostas ou não-pressupostas, e considerando apenas as informações expressas linguisticamente nos textos investigados, conforme Diessel (2013) e Lambrecht (1994).

No Exemplo (10), há uma oração hipotática pressuposta (evidenciada em negrito):

- (10) [...] Primeiro, os indivíduos da lista de espera tendem a montar lobby para garantir e acelerar sua convocação, o que gera mais custo de transação e induz a contratação de mais servidores que o necessário. Segundo, *os concursos se tornam grandes eventos*, com número elevado de candidatos, o que eleva o custo de realização dos certames. Terceiro, [...] Nos concursos públicos as questões de múltipla escolha têm maior peso. **Dado que os concursos são grandes eventos, opta-se por um método de teste que facilite a correção por meio eletrônico.** [...] (*Corpus do Português*)





O fato de os concursos serem grandes eventos, informação trazida pela oração hipotática, já era esperado pelo interlocutor, pois no Exemplo (10) isso já havia sido evidenciado na frase “[...] os concursos se tornam grandes eventos...”, destacada em itálico.

Os resultados da análise encontram-se na Tabela 4:

Tabela 4: Pressuposição das orações hipotáticas

	PRESSUPOSTA	NÃO-PRESSUPOSTA	TOTAL
VISTO QUE	25 (16,7%)	125 (83,3%)	150 (100%)
DADO QUE	32 (21,3%)	118 (78,7%)	150 (100%)
POSTO QUE	16 (10,7%)	134 (89,3%)	150 (100%)
TOTAL	73 (16,2%)	377 (83,8%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Com relação aos resultados expostos na tabela 4, as três microconstruções estudadas têm tendência a apresentarem informações pragmaticamente não-pressupostas. Das 150 ocorrências de orações introduzidas por *posto que*, cerca de 89, 3 % se apresentaram como orações não-pressupostas. Enquanto isso, as orações hipotáticas iniciadas por *visto que* apresentaram 83,3% de seus dados trazendo informações novas ao interlocutor, ao mesmo tempo que das 150 ocorrências de orações introduzidas por *dado que*, 78,7% se apresentaram como orações não-pressupostas, pragmaticamente.

Sendo assim, ainda que seja uma diferença percentual mínima, é importante destacar que, dentre as três, as orações iniciadas por *dado que* apresentam o maior número de orações pressupostas quando comparadas às demais, correspondente a 21,3% de suas ocorrências, enquanto aquelas introduzidas por *posto que* apresentam o menor número de orações pressupostas, cerca de 10,7% de seus dados.

Em seu uso básico, orações adverbiais antepostas têm a função de apresentar informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo base temática para novas informações afirmadas em orações subsequentes. No entanto, se a oração adverbial seguir a oração principal, ela só poderá ser adicionada à estrutura anterior após a conclusão da oração principal. Sendo assim, frases complexas com orações adverbiais pospostas podem ser planejadas e processadas sucessivamente, isto é, uma oração de cada vez, sugerindo que as orações adverbiais pospostas são potencialmente mais independentes da oração principal do que as orações adverbiais que a precedem.

Isso estaria ligado ao fenômeno linguístico da pressuposição, que é composto por uma parte externalizada e explícita, cujo conteúdo semântico é aquilo que efetivamente se declara, e por uma outra parte interiorizada e implícita, cujo conteúdo semântico não é objeto direto de declaração e de

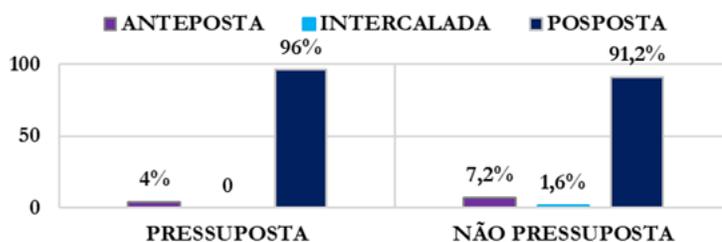




comprometimento do falante, mas uma informação dada como uma espécie de conhecimento dado, partilhado pelos participantes do ato comunicativo. Atrelado a esse conceito, de modo geral, acredita-se que orações hipotáticas que apresentam informações novas tendem a ocorrer após as orações matrizes, instanciando orações focais, enquanto aquelas que são anteriores às orações matrizes, normalmente, contêm uma informação já fornecida ou conhecida pelo interlocutor.

Levando isso em conta, associamos esses dois fatores, e, a seguir, apresentaremos o comportamento de ambos os fatores com as três microconstruções, iniciando pelas orações introduzidas por *visto que*:

Gráfico 4: Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por *visto que*



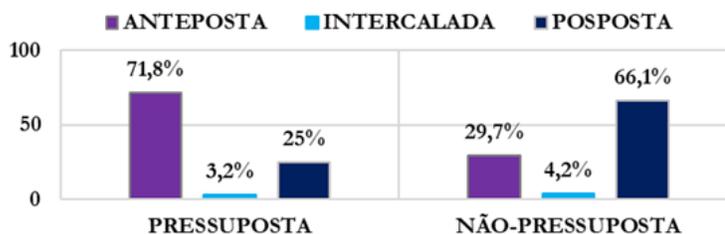
Fonte: elaboração própria

No tocante aos resultados com as orações introduzidas por *visto que*, independentemente de as informações serem pragmaticamente pressupostas ou não, a posição com maior incidência foi a posposta. Em relação às orações pressupostas, cerca de 96% de suas ocorrências se apresentaram na posição posposta, enquanto com as não-pressupostas, cerca de 91,2% também se apresentaram após suas orações principais.

Isso vai de encontro ao que esperávamos, já que presumíamos que orações pressupostas teriam uma tendência à anteposição e as não-pressupostas à posposição, o que não ocorreu, pois independente da posição, sejam elas antepostas, intercaladas ou pospostas, de forma geral, as orações introduzidas por *visto que* têm uma tendência a apresentar orações pragmaticamente não-pressupostas pelo interlocutor.

A seguir, apresentamos o cruzamento destes fatores com as orações introduzidas por *dado que*:

Gráfico 5: Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por *dado que*



Fonte: elaboração própria

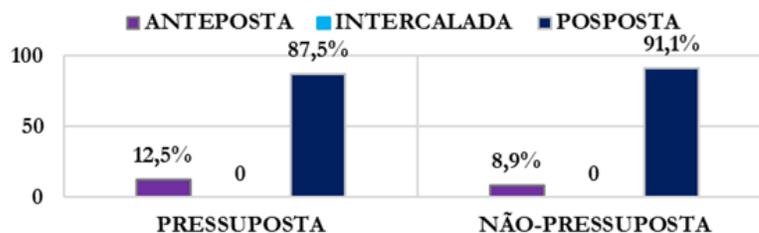




Em relação aos resultados com a microconstrução iniciada por *dado que*, as hipóteses previamente postuladas foram corroboradas, já que as orações pressupostas realmente tiveram uma tendência à anteposição (71,8%) enquanto as orações pragmaticamente não-pressupostas apresentaram um maior número de ocorrências na posição posposta (66,1%). Isso era esperado, pois, segundo a literatura funcionalista, orações antepostas, geralmente, têm a função de apresentar informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo base temática para as informações apresentadas em sua oração principal, enquanto em relação às orações pospostas, era previsto que elas apresentassem informações novas, instanciando orações focais.

Apresentamos no Gráfico 6 o cruzamento desses fatores com as orações introduzidas por *posto que*:

Gráfico 6: Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por *posto que*



Fonte: elaboração própria

A respeito dos resultados com as orações iniciadas por *posto que*, assim como ocorrido com as orações introduzidas por *visto que*, não houve diferença entre orações pressupostas e não-pressupostas, já que ambas apresentaram maior tendência à posposição. As orações pressupostas apresentaram 87,5% de suas ocorrências na posição posposta, enquanto as orações hipotáticas não-pressupostas manifestaram 91,1% de suas ocorrências posteriores à oração principal. Entretanto, é passível de destaque que, em relação às orações antepostas, houve tendência à pressuposição (12,5%), ainda que com uma diferença percentual mínima. Isso era esperado, já que, de acordo com os pressupostos considerados, as orações pressupostas pragmaticamente tenderiam a aparecer antes de suas orações principais, trazendo informações já previstas pelo interlocutor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de mapear os usos de orações hipotáticas iniciadas por *visto que*, *dado que* e *posto que*, por meio de três fatores linguísticos: arranjo linear, estrutura informacional e valor



semântico das construções. A pesquisa foi baseada na coleta e na análise de 450 dados dessas construções oracionais adverbiais, sendo 150 iniciadas por *visto que*, 150 por *dado que* e 150 por *posto que*, todas sendo extraídas da aba Web-Dialetos do *Corpus* do Português. Nosso estudo demonstrou que as três microconstruções analisadas têm as seguintes tendências: expressam causa; ocorrem em posição posposta às orações matrizes e as informações trazidas por elas são não-pressupostas. As orações com *visto que* são categoricamente causais; as orações com *dado que* apresentam 92% de suas ocorrências com o valor causal e 8% com o valor causal-condicional; e as com *posto que* apresentam 91,3% de suas ocorrências com o valor causal, cerca de 4,7% com o valor causal condicional e 4% com o valor concessivo.

A partir disso, cabe destacar que apenas as orações hipotáticas com *posto que* apresentaram o valor concessivo. Isso difere essas duas microconstruções daquelas iniciadas por *visto que*, que apresentou apenas o valor causal, o que caracteriza 100% de suas ocorrências, corroborando uma hipótese de que as orações hipotáticas introduzidas por *visto que* parecem ser mais cristalizadas na língua do que as demais construções.

No tocante ao arranjo linear, apesar de as três apresentarem uma maior tendência à posposição, o número de ocorrências de antepostas com as orações introduzidas por *dado que* é significativamente maior quando comparado aos das outras, já que 38,7% de suas ocorrências aparecem antes de suas principais, contra 6,7% de orações introduzidas por *visto que* e 9,3% de orações iniciadas por *posto que*. Ademais, há ausência de orações intercaladas quando a construção é iniciada pelo conectivo *posto que*.

Além disso, segundo nossa hipótese, baseada na literatura, o grau de novidade da informação veiculada pelas orações hipotáticas, bem como seu valor semântico, influenciam suas posições em relação às suas matrizes. Sendo assim, esperávamos que houvesse uma correspondência entre valor semântico e arranjo linear, visto que orações condicionais, tradicionalmente, teriam tendência à anteposição, enquanto orações causais tenderiam à posposição. No tocante às relações concessivas, suas posições estariam intrinsecamente ligadas ao papel semântico-pragmático que elas desempenham: se a oração funcionasse como um adendo, ela tenderia a aparecer antes de sua oração principal, enquanto se trouxesse novas informações, se apresentaria posteriormente à sua oração principal.

Apesar de as três microconstruções tenderem a demonstrar orações não-pressupostas, é passível de atenção que aquelas iniciadas por *dado que* apresentaram maior número de orações pressupostas se comparadas às outras, ainda que a diferença percentual não seja grande. As orações iniciadas por esse conectivo apresentaram 21,3% de ocorrências de orações pragmaticamente pressupostas, contra 16,7% de com a microconstrução iniciada por *visto que* e 10,7% com as introduzidas por *posto que*.





Como apresentado, baseamo-nos em uma das hipóteses de Diessel (2015) que postula que orações adverbiais (hipotáticas) com informação pressuposta tendem a ocorrer na posição anteposta à sua oração principal, enquanto orações adverbiais não-pressupostas tendem à posposição. Nossos resultados demonstraram que tanto as orações introduzidas por *visto que* quanto aquelas iniciadas por *posto que* não apresentaram diferenças, já que ambas, independentemente de as informações serem ou não pressupostas, apresentaram a preferência pela posição posposta em ambos os casos. Contudo, as orações introduzidas por *dado que* confirmaram a hipótese de que haveria uma correspondência entre anteposição e pressuposição e entre não-pressuposição e posposição.

A partir dessas considerações, é perceptível que, embora as orações hipotáticas introduzidas por esses três conectivos sejam usadas em contextos semelhantes, suas funções não são completamente iguais.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, J. D. Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português. Juiz de Fora, **Veredas**, v.8, n.1 e n.2, p.41-52, 2004.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. **Linguística Baseada no Uso: explorando métodos, construindo caminhos**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro, Mauad-X, 2013.
- CEZARIO, M. M. C.; SANTOS SILVA, T.; SANTOS, M. Formação da Construção [XQUE]CONNECT no Português. **Revista E-escrita**, v. 6, p. 229-243, 2015.
- CHAFE, W. **How people use adverbial clauses**. Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, v. 10, p. 437-449, 1984.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESEL, H. Adverbial subordination. *In*: LURAGHI, S.; PARODI, C. (org.). **Bloomsbury Companion to Syntax**. Londres: Bloomsbury Academic, 2013. p. 341-353.
- DIESEL, H. Usage-based construction grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (org.). **Handbook of cognitive linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.
- DIESEL, H. **The Grammar Network: How language structure is shaped by language use**. Cambridge: University Press, 2019.





FERRARI, L.; RIBEIRO, G. Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [embora p, q] e as concessivas [se p, q]. **Matraga**, v. 29, p. 379-393, 2022.

FURTADO DA CUNHA, M.A. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **Gragoatá**, v. 5, n. 9. p. 155-170, 2000.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, v. 1, 1984.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, v. 2, 1990.

GIVÓN, T. 1995. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, v.1, 2001.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Leiden/Boston: Brill Publisher, v.26, 2021.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; SANTOS, J. L.; KROPF, M. P. A. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação na voz passiva. **Revista Soletras**, n. 37, p. 154-178, 2019.

MAAT, H. P.; SANDERS, T. **Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connectives explained**. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (Eds.) Cause-condition-concession-contrast: cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.p. 57-82.

NASCIMENTO, J. B. **Construções hipotáticas introduzidas por *visto que*, *dado que* e *posto que* no português brasileiro**: uma análise baseada no uso. 2022. 54 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Português e Italiano) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.





NASCIMENTO, J. B.; CASTANHEIRA, D. As orações hipotáticas introduzidas por *visto que*, *dado que* e *posto que*. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. (org.). **Linguística Baseada no Uso**: explorando métodos, construindo caminhos. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020. p. 171-196.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

PAIVA, M. C. A.; BRAGA, M. L. *Pois e pois que* sob uma perspectiva diacrônica: alguns problemas à procura de uma resposta. **Revista Linguística**, v. Especial, p. 10-22, 2016.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of give-new information. In: COLE, P. (org.) **Radical Pragmatics**. E.U.A., Nova Iorque: Academic Press, 1981, p. 223-255.

PRINCE, E.F. The ZPG letter: subjects, definiteness and information-status. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. (org.). **Discourse description**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 295-325.

ROSÁRIO, I.; PINTO, M. P. Orações conformativas em foco: uma análise centrada no uso. **Língua e instrumentos linguísticos**, v. 42, p. 175-201, 2018.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Artigo recebido em: 21/06/2022
Artigo aprovado em: 28/09/2022
Artigo publicado em: 11/10/2022

COMO CITAR

NASCIMENTO, J. B.; CEZARIO, M. M.; CASTANHEIRA, D. Uma análise funcionalista das construções hipotáticas iniciadas por *visto que*, *dado que* e *posto que*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-20, e02208, 2022.

